



Psicologia em Estudo

ISSN: 1413-7372

revpsi@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

de Lima Nunes, Laísy; Ribeiro Salomão, Nadia Maria  
O BEBÊ AOS TRÊS MESES: CONCEPÇÕES DE PAIS E MÃES  
Psicologia em Estudo, vol. 21, núm. 2, abril-junio, 2016, pp. 245-255  
Universidade Estadual de Maringá  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287147424008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

---

## O BEBÊ AOS TRÊS MESES: CONCEPÇÕES DE PAIS E MÃES<sup>1</sup>

Laísy de Lima Nunes<sup>2</sup>

Nadia Maria Ribeiro Salomão

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, Brasil

**RESUMO.** As concepções parentais sobre o desenvolvimento infantil refletem o modo como as mães e os pais entendem esse desenvolvimento e podem influenciar, direta ou indiretamente, as interações pais-bebê. O objetivo do presente estudo foi analisar as concepções parentais sobre o desenvolvimento infantil inicial e verificar quais os aspectos que pais e mães consideram importantes para promover o desenvolvimento. Participaram da pesquisa 20 (vinte) mães e 20 (vinte) pais de bebês com 3 (três) meses de idade. Foram utilizados um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. A análise dos dados seguiu os pressupostos qualitativos da análise de conteúdo. Os resultados apontaram que mães e pais percebem os bebês aos 3 meses como passando de um estado de passividade para maior atividade, tanto em termos motores quanto nos aspectos sociocomunicativos e cognitivos. Na visão dos pais, as novas aquisições infantis permitem maior interação entre os cuidadores e o bebê. A maioria dos participantes mencionou os estímulos como aspectos promotores do desenvolvimento, embora muitos também tenham destacado a importância dos fatores biológicos e hereditários. De modo geral, pais e mães apresentaram concepções que reconhecem o papel parental como essencial na promoção do desenvolvimento saudável dos filhos. Considera-se que esse trabalho contribui positivamente com a área de estudos sobre o desenvolvimento infantil inicial, tendo em vista que apresenta dados sobre um período crucial para o desenvolvimento do bebê e para a adaptação dos pais.

**Palavras-chave:** Percepção social; desenvolvimento; bebês.

### THE THREE-MONTH-OLD BABY: PARENTS CONCEPTIONS

**ABSTRACT.** The parental conceptions about child development reflect how mothers and fathers understand this development and can influence directly or indirectly on parent-infant interactions. This study aimed at analyzing the parental conceptions about early child development and verify what aspects parents consider important for the child's development. The participants were 20 mothers and 20 fathers of babies at the age of 3 months. A sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview were used. Data analysis followed the assumptions of qualitative content analysis. The results showed that parents understand three-month-old babies as children turning from a passive state to a phase with greater amount of activity, concerning motor, sociocommunicative and cognitive aspects. From the parents' point of view, the new acquisitions of the children allow more interaction between the babies and their caregivers. Most participants mentioned that stimuli are boosters of child development, although many of them have also highlighted the importance of biological and hereditary factors. In a general way, it could be noticed that parents have concepts that recognize the parental role as an essential aspect to boost the healthy development of children. We considered that this work contributes positively to the study on early child development, for it presents data on a period that is crucial for the baby's development as well as for parents' adaptation.

**Keywords:** Social perception; development; babies.

### EL BEBÉ DE TRES MESES: CONCEPCIONES DE PADRES Y MADRES

**RESUMEN.** Las concepciones de los padres de desarrollo infantil reflejan cómo las madres y los padres entienden este desarrollo y pueden influir, directa o indirectamente, en la interacción entre padres e hijo. El objetivo de este estudio fue

---

<sup>1</sup> Apoio e financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

<sup>2</sup> E-mail: la.laisy@hotmail.com

analizar las concepciones de los padres sobre el desarrollo infantil temprano y comprobar qué aspectos padres consideran importante para promover el desarrollo. Los participantes fueron 20 madres y 20 padres de los bebés a los 3 meses. Fueron usados un cuestionario sociodemográfico y una entrevista semiestructurada. Análisis de los datos siguió los supuestos cualitativos del análisis de contenido. Los resultados mostraron que las madres y los padres se dan cuenta de los bebés a los 3 meses como pasar del estado pasivo a una mayor actividad, tanto en los términos motores como en aspectos sociocomunicativos y cognitivos. En vista de los padres, las nuevas adquisiciones de los niños permiten una mayor interacción entre los cuidadores y el bebé. La mayoría de los participantes mencionó los estímulos como promotores de los aspectos del desarrollo, aunque muchos también han destacado la importancia de los factores biológicos y hereditarios. En general, los padres y madres presentaron conceptos que reconocen que el papel de los padres es esencial para promover el desarrollo saludable de los niños. Se considera que este trabajo contribuye positivamente con el campo de estudio sobre el desarrollo infantil temprano dado que muestra los datos en un período crucial para el desarrollo de la del bebé y para la adaptación de los padres.

**Palabras-clave:** Percepción social; desarrollo; bebés.

---

## Introdução

A família é o principal elemento mediador da relação entre o bebê e o ambiente. Esse nicho de desenvolvimento desempenha uma função essencial na socialização infantil inicial. Nessa linha, entende-se que o desenvolvimento de novas habilidades infantis está relacionado às primeiras interações sociais do bebê, especialmente com os pais, que, de forma geral, são os primeiros cuidadores.

Conforme indicado por Alvarenga, Malhado e Lins (2014) e Mendes e Seidl de Moura (2013), as primeiras interações sociais possibilitam que o bebê modifique sua forma de conhecer e de se relacionar com o mundo. Esse processo de novas aquisições, do ponto de vista interacionista, é permeado por ações coconstrutivas e bidirecionais, ou seja, o comportamento infantil influencia e é influenciado pelo comportamento do adulto de forma contínua. A partir da colaboração dos outros sociais e da interação no meio cultural, os bebês desenvolvem novas formas de compreensão e ação, tornam-se mais habilidosos e capazes de participar de modo mais ativo no contexto cultural (Seabra & Seidl de Moura, 2011).

No que concerne aos pais, as primeiras interações são cruciais para a formação de vínculos com o bebê e ajudam a organizar o mundo representacional formado a respeito do filho durante a gravidez. A partir das características e comportamentos infantis, pais e mães reavaliaram suas expectativas com relação ao bebê e aos seus próprios papéis como pais (Castoldi, Gonçalves, & Lopes, 2014).

Desse modo, as interações iniciais também podem estar ligadas à constituição da maternidade e da paternidade, tendo em vista que a maneira como as mães e os pais vivenciam essa fase pode ter implicações nas relações estabelecidas e no modo como veem o bebê. A transição para a maternidade e a paternidade, com a chegada do primeiro filho, se configura como uma nova fase de desenvolvimento e exige muitas adaptações. Esse período é marcado por intensas transformações psicológicas e sociais, tanto no tocante à realidade do bebê quanto às mudanças na relação conjugal (Coltart & Henwood, 2012; Krob, Piccinini, & Silva, 2009; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2012).

Processo semelhante ocorre a partir da gestação e do nascimento do segundo filho, que também marca um novo ciclo na vida familiar. A nova fase implica mudança para cada um dos membros da família, bem como modifica as relações estabelecidas entre eles. Castoldi, Golçalves e Lopes (2014), entre outros autores, defendem que após o nascimento do primeiro ou do segundo filho, as primeiras semanas, e, particularmente, os primeiros três meses são cruciais para a reorganização familiar. Durante o primeiro trimestre de vida do bebê, as demandas tornam-se maiores e exigem dos pais reorganização da rotina para atender às exigências do infante e conciliá-las com as necessidades do filho mais velho, no caso de pais secundíparos. Nesse período, os pais também precisam se reorganizar emocionalmente, construir o vínculo com o novo bebê, adaptar-se aos novos papéis e, em especial, aprender a prática conjunta dos cuidados (Lopes, Vivian, Oliveira, Pereira, & Piccinini, 2012; Piccinini et al., 2012).

Autores como Dessen e Oliveira (2013) defendem que a complementariedade entre os genitores é essencial para a adaptação dos pais às demandas do novo cenário. A participação do pai em apoiar a

mãe durante esse período de transição, assim como a sua participação nos cuidados com o bebê e sua relação com o primogênito, quando o relacionamento deste está abalado pela chegada do segundo filho, são fundamentais para a adaptação bem sucedida da família à nova situação. Nesse sentido, destaca-se que quanto mais o pai conhece o bebê, mais empático ele pode ser com as queixas maternas, reforçando o apoio dado por ele à mãe nos meses iniciais após o nascimento do novo membro da família.

Diante do conteúdo apresentado pela literatura, justifica-se a realização de estudos que visem a conhecer aspectos que podem influenciar a relação pai-mãe-bebê nos três primeiros meses de vida da criança. Destaca-se o papel de cada um desses cuidadores no desenvolvimento infantil, as interações sociais iniciais e os fatores que podem influenciar essas interações, e consequentemente, o desenvolvimento. Nesse sentido, pontua-se que as concepções que esses adultos têm sobre o bebê e sobre o desenvolvimento infantil são fatores que contribuem para as interações que serão estabelecidas (Andrade et al., 2014; Seabra & Seidl de Moura, 2011).

Bueno e Vieira (2014) e Meteyer e Perry-Jenkins (2010) esclarecem que a realização de estudos sobre as práticas e as concepções parentais em fases iniciais do desenvolvimento ainda é pequena, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Porém, justificam que pesquisas nessa área são importantes porque permitem fundamentar intervenções precoces, que objetivem promover o desenvolvimento saudável da criança e da família de modo geral.

Sobre essa temática, as pesquisas dividem-se em três eixos fundamentais, conforme apresentado por Miguel, Valetim e Carugati (2009). O primeiro busca entender as ideias parentais, o que os pais pensam sobre o desenvolvimento infantil e como eles explicam a emergência das habilidades de seus filhos. A segunda vertente desses trabalhos objetiva analisar as causas e as fontes das ideias parentais. A terceira tenta conhecer as consequências dessas ideias para os pais, para a criança e para as interações diádicas. Apesar de os três eixos estarem interligados, o presente estudo tem como foco principal o primeiro deles, ou seja, entender as concepções parentais sobre o desenvolvimento infantil inicial, particularmente, no primeiro trimestre de vida do bebê.

Monteiro e Manzini (2008) usam o termo concepções como o resultado do conjunto de informações que possibilita que as pessoas descrevam um fenômeno, expliquem sua ocorrência por meio do estabelecimento de relações entre ele e suas consequências, e criem estratégias para intervenção. Dessa maneira, as concepções envolvem uma gama de conhecimentos adquiridos no decorrer da vida de cada pessoa. Esse argumento corrobora o pensamento de Rossi e Batista (2006) ao afirmarem que concepção é uma forma específica de perceber, apreender e entender algo, sendo uma construção particular de cada indivíduo sobre um determinado fenômeno, considerando suas sensações e experiências prévias. Ademais, Barrantes e Blanco (2004) defendem que as concepções são abrangentes por incluírem crenças, valores, conceitos, significados, conhecimentos e preferências de cada indivíduo.

Concorda-se com os autores que defendem que as concepções são constituídas no processo de interação e interlocução com o outro, e se transformam nesse mesmo processo (Miguel et al., 2009; Monteiro & Manzini, 2008). As concepções são resultados de uma história, de uma herança cultural e são desenvolvidas dentro de um processo sociohistórico, no qual estão incluídas as crenças e os valores de cada indivíduo. A partir das experiências vividas, das informações recebidas, dos compartilhamentos intra e intergrupos, da cultura e da linguagem é que são construídas as concepções, por meio de um processo dinâmico.

Conhecer o que os pais pensam sobre os seus próprios papéis, sobre os elementos que são importantes para o desenvolvimento dos seus filhos e como avaliam esse desenvolvimento é o principal objetivo dos estudos acerca das concepções. A maneira como os pais compreendem o desenvolvimento infantil pode, direta ou indiretamente, influenciar o ambiente que eles promovem para seus bebês, bem como os recursos utilizados e algumas especificidades da interação que ajudam a promover o desenvolvimento saudável. A depender de quais fatores são percebidos pelos pais, algumas áreas podem ser mais estimuladas que outras (Bornstein, Cote, Haynes, Hahn, & Park, 2010).

Nessa linha, pesquisas com a participação materna representam a maioria devido ao lugar que a mãe ocupa como figura mais vinculada ao cuidado diário com o bebê e como principal participante nas interações iniciais (Andrade et al., 2014; Florentino, 2009; Souza, Machado, Nunes, & Braz Aquino, 2014; Ribas Jr., Seidl de Moura, & Bornstein, 2007). Em geral, as mães são as cuidadoras primárias e passam

mais tempo com o bebê, o que possibilita que as suas observações diárias sejam mais suscetíveis de perceber uma grande variedade de emoções e comportamentos de seus filhos em diversos contextos, mesmo que estes não sejam constantes. A mãe, no seu papel de cuidadora, é considerada como importante fonte de estimulação sociocognitiva, comunicativa e afetiva.

Seidl de Moura et al. (2013) buscaram investigar as concepções de mães brasileiras sobre seus filhos, particularmente, identificar como o tema da autonomia dos filhos aparece nos discursos maternos e evidenciar aspectos da socialização considerados importantes. Para tanto, foram entrevistadas 94 mães de bebês entre 17 e 22 meses. De maneira geral, nesse estudo, as mães descreveram as crianças como apresentando mais características positivas de temperamento quando comparadas ao número de características negativas. Os resultados mostraram que as mães valorizam que as crianças sejam inteligentes, ativas, amáveis e carinhosas.

Apesar de os estudos com a participação materna serem mais frequentes, o papel do pai não pode ser desprezado ou minimizando, atribuindo-lhe uma função coadjuvante. Anteriormente, a ideia de paternidade vinculava-se a de um homem que se ausentava de casa para trabalhar e obter recursos financeiros. Neste período, a mãe era representada como o principal agente no desenvolvimento da personalidade da criança. No entanto, devido às mudanças sociais ocorridas, principalmente, após a década de 1960, como a emancipação da mulher, estabeleceram-se novas relações entre homens e mulheres, levando ao aparecimento de novos padrões familiares e à redistribuição de papéis (Meteyer & Perry-Jekins, 2010; Seabra & Seidl de Moura, 2011).

Compreende-se que a participação paterna também é de importância vital para o desenvolvimento psíquico e emocional da criança e vem, aos poucos, ganhando mais espaço nos estudos sobre parentalidade, como destacado por vários autores (Bueno & Vieira, 2014; Seabra & Seidl de Moura, 2011; Vieira et al., 2014). O pai tornou-se mais participativo na educação dos filhos e em vez da atribuição de papéis específicos e complementares, surge um novo ideal de co-parentalidade em que ambos os pais partilham responsabilidades e tarefas nos domínios financeiro, doméstico e nos cuidados das crianças de um modo mais igualitário, resultando na diluição da divisão baseada unicamente no gênero (Dessen & Oliveira, 2013; Meteyer & Perry-Jenkins, 2010; Seabra & Seidl de Moura, 2011).

De acordo com Dessen e Oliveira (2013) e Vieira et al. (2014) o aumento da participação do pai nas atividades diárias relacionadas com as crianças parece fortalecer uma relação de base segura com o progenitor, indicando que a experiência nos cuidados poderá facilitar o modo como os pais interpretam e respondem aos sinais das crianças. Entende-se que ao longo do crescimento infantil a competência social da criança pode ser influenciada pelo envolvimento paterno positivo, agindo como um fator de proteção e desenvolvimento.

Relacionado a esse tema, Silva e Piccinini (2007) realizaram um estudo com três pais, casados com as mães de seus filhos, de até dois anos de idade, sendo duas meninas e um menino, que visou compreender os sentimentos de pais sobre a paternidade e seu envolvimento com o filho. Os resultados demonstraram que os pais apresentavam considerável satisfação com a paternidade e que reconheciam a importância de sua participação para o desenvolvimento dos filhos. Quanto à sua participação no dia-a-dia das crianças, eles relataram que deveria ser maior, pois para eles a pouca participação dos pais na rotina de seus filhos gerava um conflito entre a paternidade ideal e a real. Esses autores também destacaram que a interação é o aspecto do envolvimento paterno que beneficia o desenvolvimento da criança de forma mais efetiva, ao passo que, a acessibilidade e a responsabilidade também o afeta, embora de forma indireta, por intermédio do tipo de relacionamento ocorrente entre pai e mãe.

Nesse sentido, cabe ainda pontuar que apesar de as pesquisas com a participação paterna terem aumentado nas últimas décadas, alguns temas são pouco discutidos em estudos que têm o pai como participante. Temáticas importantes referentes ao engajamento paterno, ao papel do pai e às diferenças entre o pai “real” e o pai “ideal” vêm recebendo destaque. Todavia, ainda são escassos trabalhos que busquem identificar o conhecimento e as percepções que os pais têm sobre o desenvolvimento infantil (Braz, Dessen, & Silva, 2005; Seabra & Seidl de Moura, 2011).

Diante disso, o objetivo do presente estudo foi analisar as concepções parentais sobre o desenvolvimento dos bebês aos 3 meses de idade e verificar quais os aspectos que pais e mães consideram importantes para promover o desenvolvimento nessa fase.

## Método

**Participantes:** 20 mães e 20 pais de bebês aos 3 meses. A idade das mães variou entre 20 e 36 anos, com média de 28,9 (DP=4,91). Entre as mães, 13 tinham como nível instrucional o ensino superior completo, cinco tinham o ensino superior incompleto e duas haviam cursado o ensino médio completo. A idade dos pais variou entre 23 e 35 anos, com média de 30,25 (DP=4,12). Sobre o nível instrucional, 12 pais haviam concluído o ensino superior, seis tinham o ensino superior incompleto e dois cursaram o ensino médio completo. Quanto ao número de filhos, 14 casais têm apenas um filho e seis casais têm dois filhos. Todos os bebês nasceram a termo e apresentavam desenvolvimento típico, 10 eram meninos e 10 eram meninas.

**Instrumento:** Foram utilizados um questionário sociodemográfico, a fim de conhecer as características dos pais e dos bebês, e uma entrevista sobre a concepção parental acerca do desenvolvimento global do seu filho e das interações estabelecidas.

**Procedimento de coleta de dados:** primeiramente o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa. Após a aprovação pelo Comitê, teve início a coleta de dados. Os participantes foram definidos aleatoriamente, sendo indicados, inicialmente, por pessoas conhecidas das pesquisadoras, e pelos próprios participantes. Assim, por meio de indicações, a primeira autora entrou em contato com os pais, explicitando os objetivos do trabalho e, uma vez aceitando participar do estudo, solicitou destes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A participação dos pais no estudo esteve condicionada à assinatura do referido termo. Foram respeitados todos os princípios éticos estabelecidos pela Resolução 466/12 da CONEP/MS. As entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes.

**Procedimento de análise dos dados:** primeiramente, foi realizado um levantamento dos dados sociodemográficos. No tocante às entrevistas, elas foram transcritas de forma literal, em seguida, foi realizada a leitura flutuante e o levantamento das respostas dos participantes, sendo feita uma análise de conteúdo, que seguiu as diretrizes gerais de categorização propostas por Bardin (1977/2002). Os dados relativos às frequências de cada resposta entre os participantes também foram levantados, a fim de identificar quais os aspectos mencionados pela maioria dos pais.

## Resultados e Discussão

A análise dos dados referentes às concepções parentais sobre o desenvolvimento infantil permitiu elaborar cinco categorias temáticas de acordo com o conteúdo das questões apresentadas e das falas dos participantes. As categorias elencadas foram: 1) Descrição do desenvolvimento atual do bebê; 2) Comportamentos infantis que mais chamam atenção dos pais; 3) Comportamentos infantis com os quais os pais têm dificuldade de lidar; 4) Fatores aos quais são atribuídos os comportamentos infantis; e 5) Aspectos promotores do desenvolvimento infantil. Cada uma das categorias será exposta e discutida na sequência.

O primeiro tema apresentado pelos pais foi a descrição do desenvolvimento atual do bebê. Ao ser solicitado aos participantes que descrevessem o desenvolvimento atual (aos 3 meses) dos seus filhos, eles relataram características motoras, sociocomunicativas, cognitivas, emocionais e aspectos gerais acerca da avaliação do desenvolvimento infantil.

A maioria das mães (13) e vários pais (8) relataram avanços motores gerais, como o desenvolvimento do tônus muscular e o aumento de movimentos corporais, especialmente em respostas às interações estabelecidas:

... *Em relação à motricidade ele tá evoluindo, que eu tô colocando ele de barriguinha pra baixo, aí já tá ficando com a coluninha mais dura, já tá começando a empurrar o corpo pra frente, a cabecinha também já tá deixando ficar assim [erguida] (M17);*

*Motor, eu acho ele assim, uma criancinha, assim, pra idade dele bem desenvolvida, porque ele, assim, reage bem aos estímulos. Ele gesticula muito com os braços, com as pernas, então quando eu tô brincando com ele, ele gosta de ficar chutando com as pernas, então essa parte aí é bem desenvolvida* (P13).

O fato de maior número de mães ter mencionado essa temática pode estar relacionado às observações feitas por elas durante o tempo que passam com os bebês, que, em geral, é maior do que o tempo que os pais passam com seus filhos no primeiro trimestre (Meteyer & Perry-Jenkins, 2010; Piccinini, et al., 2012). Mas, sobre os relatos dos pais acerca desse aspecto é importante destacar que quando percebem o bebê como “mais durinho” é provável que eles considerem isso como um facilitador do manejo deles com o bebê.

Nesse sentido, Castoldi et al. (2014) e Krob et al. (2009) constataram que as aquisições motoras tendem a aumentar o engajamento paterno e a facilitar a construção do vínculo pai-bebê. Além disso, a percepção de pais e mães sobre os movimentos dos bebês em resposta à interação ou às brincadeiras e sobre o interesse infantil em pegar objetos é um fator essencial para a interação diádica. Dados semelhantes foram encontrados por Krob e colaboradores (2009) em um estudo realizado com pais de bebês entre 2 e 3 meses de vida. As respostas mais ativas dos bebês são capazes de provocar sentimentos positivos nos pais e promover a qualidade dos episódios interativos (Lopes et al., 2009).

A metade das mães (10) falou especificamente sobre a habilidade dos bebês em pegar objetos, quatro delas afirmaram que os bebês tentam pegar os objetos, mas ainda não conseguem. Seis mencionaram que seus bebês já desenvolveram essa habilidade. Sobre essa habilidade, dois pais afirmaram que os bebês tentam pegar os objetos, mas ainda não conseguem. Dois mencionaram que seus bebês já desenvolveram essa habilidade. “*Ela mexe as mãozinhas, querendo pegar nas coisas*” (M19); “*Já agarra algumas coisas, já bota coisa na boca*” (P17). Nos relatos sobre essas novas aquisições motoras destaca-se a relação do bebê com o meio, marcada por comportamentos de observação, manipulação e exploração dos objetos presentes no ambiente (Brazelton, 1994).

Em termos sociocomunicativos, quatro pais mencionaram a habilidade comunicativa de modo geral: “*Essa parte de comunicativa ele interage bem, em relação a isso eu acho ele bem desenvolvido também nessa parte.*” (P13). As emissões de sons com uma das principais formas de comunicação inicial infantil foram mencionadas por sete mães e sete pais:

*Balbuciar alguma coisa que ninguém entende o que é, mas já faz um... já dá os gritos dela. Às vezes a gente deixa ela aqui na cadeirinha e eu vou fazer alguma coisa, deixo ela aí brincando pra ir fazer alguma coisa, ela, quando eu passo muito tempo, ela começa logo a reclamar, ‘eeeeeee’, gritando, chamando* (M14).

*Ele interage bastante com a gente, eu começo a falar com ele, de manhãzinha, eu começo a falar, ele começa a resmungar na língua dele e eu começo a imitar ele, quanto mais eu o imito mais ele fica prolongando aquela conversa, né, ali. Então, isso aí eu observo bastante que ele tem feito* (P20).

As vocalizações emitidas pelos bebês nessa fase são simples, apenas com o uso de vogais, e ainda não são denominadas de balbucios, propriamente. A partir delas, os bebês fornecem pistas para que as mães e os pais interpretem o comportamento de seu filho de acordo com o contexto e atribuam significados comunicativos a esses comportamentos (Krob et al., 2009; Souza et al., 2014).

O sorriso foi considerado como um dos comportamentos sociocomunicativos característicos dos bebês na fase atual, mencionado por sete mães e sete pais: “*Ela logo com dias ela já respondia o sorriso da gente, a gente sorria pra ela, ela respondia*” (M15). O sorriso, aos 3 meses de vida, pode ser usado em resposta à voz humana e configura-se como uma das formas mais eficientes que o bebê tem para se comunicar. Ele pode ser entendido como um sinal social que facilita a proximidade com os cuidadores e é utilizado para dar continuidade às interações (Mendes & Seidl de Moura, 2009; Souza et al., 2014). Resultados parecidos foram encontrados por Florentino (2009), em uma pesquisa na qual as mães relataram o sorriso como principal ato comunicativo do bebê durante situações interativas; e também por

Krob et al. (2009), em um estudo no qual os pais mencionaram o sorriso como estímulo para as trocas entre pai e filho.

O olhar, mencionado por uma mãe e um pai, e os gestos, relatados por um pai, foram apresentados como outras formas de comunicação. Cabe pontuar também que, apesar de os participantes terem destacado comportamentos sociocomunicativos importantes, esses dados diferem, em partes, da maioria dos estudos sobre o tema, em que o choro é apresentado como o comportamento comunicativo mais frequente, principalmente, nos meses iniciais (Andrade et al., 2014; Souza et al., 2014). Todavia, esse dado não significa que os pais não consideram o choro enquanto um comportamento comunicativo do bebê, apenas não o mencionaram no momento específico da entrevista.

Com relação à dimensão cognitiva, algumas mães (5) e alguns pais (8) destacaram que a partir dos três meses percebem seus bebês mais atentos ao meio em que vivem, tal como nos relatos expressos a seguir: “*Eu achei ela assim, mais pro mundo, ela tá vendo que ela tá aqui agora, ela tá mais atenta as coisas... Então, eu acho que ela tá mais, é, mais assim, abriu mais pro mundo*” (M1). “*Principalmente nesse último mês agora, que ele deu uma levantada gigante, não só o fato de obter resposta quando você estimula ele e tal, mas o fato de ele só, ele mesmo interagir com o meio*” (P4).

Relacionado ao avanço cognitivo, a habilidade dos seus bebês em reconhecer os cuidadores mais próximos foi destacada por oito mães e dois pais: “*De identificar, nos identificar já, identificar as pessoas que estão mais próximas dele, de quando a gente chega pra pegar, ele já sorri pra dar uma resposta mais como que nos conhecesse quando escuta nossa voz.*” (M20). Cinco mães e quatro pais relataram que seus bebês prestam atenção à televisão e parecem ter preferências por objetos coloridos, como no exemplo:

*Em relação a cognitivo, ele tem a percepção muito rápida das coisas, sabe. Se a gente tiver conversando e a televisão ligar, ele se vira na hora e fica aqui olhando. Cores fortes, qualquer coisa, se ele vê a blusa de alguém, para e fica querendo pegar* (P12).

Esses relatos remetem ao que Brazelton (1994) denomina de “despertar cognitivo”, período entre os 3 e 4 meses de vida, quando a criança apresenta um despertar da consciência, marcado por um grande impulso no desenvolvimento cognitivo. É comum, nesse período, que os bebês fiquem mais atentos ao ambiente e às pessoas que o cercam e sintam-se mais instigados frente a novos brinquedos, objetos coloridos ou televisão. Outra habilidade típica desse período de avanço cognitivo é que o bebê consegue distinguir entre seus pais e pessoas estranhas, reconhecendo e reagindo de modo diferente em relação à mãe e ao pai. Essas novas aquisições, especialmente sobre o reconhecimento dos pais, parecem evocar sentimentos parentais positivos (Brazelton, 1994; Krob et al., 2009).

Foi destacado por três mães e um pai que seus filhos já acompanham com o olhar as ações dos seus cuidadores: “*Bem esperto, presta bem atenção, você passa ele fica procurando, olhando... Assim, eu vejo ele se desenvolvendo bem, antigamente você passava ele ficava só parado. Agora, se você passar na frente ele olha, ele fica procurando*” (P5). Três mães e dois pais destacaram aspectos emocionais e afetivos dos seus filhos: “*É muito carinhoso*” (M4); “*Afetivo, ela demonstra afeição com os pais, com a irmã, principalmente com a irmã*” (P16).

Ao compararem seus filhos com outras crianças, seis mães e quatro pais consideraram que eles têm um desenvolvimento mais avançado, como no relato:

*Eu acho ele muito desenvolvido pra o tempo dele... Eu acho que ele, como eu te disse, eu acho que ele é muito desenvolvido, porque eu não vejo em outras crianças na fase. Às vezes eu pessoal diz ‘ahh é coruja’, não, porque a gente pesquisa muito, a gente vê, até porque tem muita criancinha como três amiguinhos do mesmo mês, e eu vejo, comparo muito com as outras crianças e vejo que ele é bem espertinho* (M10).

No tocante a avaliação positiva dos pais frente ao desenvolvimento dos seus filhos, Krob et al. (2009) afirmam que é comum que os pais destaquem aquilo que eles consideram que seus filhos fazem de melhor. Nesse sentido, Ribas Jr. et al. (2007) afirmam que os conhecimentos parentais são constantemente utilizados pelos pais para avaliar o comportamento e o desenvolvimento de seus bebês e para guiar decisões cotidianas a respeito de como conduzir a criação de filhos. A partir do que os pais conhecem e entendem sobre o desenvolvimento infantil, eles criam expectativas com relação aos

comportamentos que os bebês serão capazes de compreender e de fazer em determinada idade, e diante disso, avaliam seu desempenho.

A segunda categoria temática refere-se ao comportamento infantil que chama mais a atenção dos pais de forma positiva. As principais características consideradas positivas estavam relacionadas às habilidades sociocomunicativas, entendidas pelos pais como tentativas de comunicação do bebê, mencionadas por 13 mães e nove pais: “*O comportamento que mais me chama atenção pra o bem é ele ser falante, assim. Eu gosto muito dessa característica dele, ele é muito conversador, com todo mundo*” (M17). Esses comportamentos são os que mais chamam atenção dos pais, pois proporcionam maiores e melhores possibilidades de engajamento e interação entre eles e o bebê. As tentativas de comunicação do bebê evidenciam a sua postura ativa nas relações diádicas, e os pais tendem a ficar mais satisfeitos e felizes quando percebem que o bebê, de algum modo, responde aos comportamentos que são direcionados a ele (Souza et al., 2014; Krob et al., 2009; Piccinini, et al., 2012).

Em seguida foram citadas habilidades cognitivas, mencionadas por quatro mães e quatro pais, como, por exemplo, reconhecer os pais: “*Ai, é o reconhecimento dela da gente, ai, eu acho o máximo*” (M1). Krob et al. (2009) também constataram que o fato do bebê reconhecer os cuidadores é uma habilidade que chama atenção dos pais e que contribui para as interações.

As características de temperamento foram citadas por cinco mães e três pais: “*O que me chama atenção positivamente muita coisa, mas, assim ela é uma criança calma, quando tá comigo, é uma criança calma*” (M18). Sobre isso, a literatura aponta que os pais tendem a enfatizar as características positivas dos seus filhos, principalmente com referências às suas qualidades, em detrimento dos aspectos negativos (Krob et al., 2009; Seidl de Moura et al., 2013). Estes resultados são importantes tendo em vista que crianças percebidas por seus pais como apresentando características positivas de temperamento tendem a provocar mais responsividade parental (Melchiori, Biasoli, Alves, Souza, & Bugiani, 2007).

Malhado e Alvarenga (2012), em uma pesquisa realizada com 28 diádes mãe-bebê, constataram que há uma correlação entre o temperamento infantil e práticas maternas facilitadoras. De acordo com os resultados encontrados por essas autoras, quanto mais o temperamento dos bebês foi considerado como sendo fácil aos 8 meses de idade, maior foi o número de práticas maternas facilitadoras identificadas no segundo período da investigação, quando os bebês estavam com 18 meses.

As habilidades motoras são aspectos que também chamam a atenção de quatro mães e dois pais: “*O que me chama atenção é que ela é muito durinha pra 3 meses, ela já quer sentar sozinha, ela já quer ficar em pé sozinha*” (M9).

A terceira categoria temática remete aos comportamentos que os pais têm mais dificuldade para lidar. Dificuldades para lidar com o choro/manha foram citadas por quatro mães e pela maioria dos pais (11): “*Ele não chora muito, ele não é muito de chorar, mas, quando ele chora muito forte e eu não sei como acalentar eu fico um pouco desesperada, mãe de primeira viagem, né*” (M4); “*Quando ela chora, assim, ela faz muito escândalo. A gente fica meio que agoniado, apesar da pessoa ser pai e tudo, mas, fica meio aperreado*” (P14).

Devido ao tempo que passam com a criança e a possível experiência anterior é provável que as mães diferenciem o choro do bebê de forma mais rápida e, identificado o incômodo, consigam atender as necessidades dele de maneira eficaz. Já os pais, por passarem menos tempo com a criança e estarem menos envolvidos em seus cuidados, apresentam mais dificuldades nessa área. Resultados similares foram encontrados por Castoldi e colaboradores (2014) em um estudo que os pais afirmaram ter dificuldades de se envolver nos cuidados infantis, particularmente quando o bebê chorava. Em uma pesquisa feita por Piccinini et al. (2012) a maioria dos participantes expressou dificuldades e/ou um sentimento de incompetência frente ao manejo do bebê, com destaque para a dificuldade em acalmar o bebê quando ele chorava e fazê-lo dormir. Alguns pais, no referido estudo, mencionaram ainda falta de paciência ou de motivação para atender o bebê e, ao mesmo tempo, sentimentos de inexperiência e inadequação.

A dificuldade em colocar o bebê para dormir foi destacada por algumas mães (5) e alguns pais (4):

*Porque quando ela era bebê, ela mamava e dormia. Agora que ela tá mais espertinha, então ela tá dando um trabalhinho, então pra mim o mais difícil é isso, a parte do sono, que ela me deixa um pouco*

*nervosa. Tem dia que eu entrego pra ele e falo: "fica um pouquinho, que eu tenho...deixa eu dá uma respirada pra eu voltar" (M1).*

Dificuldades em relação a aspectos temperamentais dos filhos foram relatadas por três mães: “*Mais dificuldade, acredito que ela é estressadinha, assim, na hora de trocar a roupa, ela... eu percebo que ela vai ter uma personalidade mais forte do que a da minha outra filha*” (M16). Quando características negativas do temperamento são expressas, também se tornam evidentes as dificuldades relacionadas ao manejo do bebê (Krob et al., 2009). Dificuldades para lidar com questões de saúde dos seus bebês, como crises de refluxo, por exemplo, foram referidas por uma mãe e dois pais, e provavelmente estão relacionadas a características específicas dos seus filhos.

Os pais também responderam a que eles atribuem às características positivas e negativas dos seus filhos, tema da quarta categoria. Nesse sentido, seis mães e metade dos pais (10) destacaram os fatores biológicos que regem o desenvolvimento infantil: “*Acho que puxou aos avós, um avô é político e o outro fala pelos cotovelos*” (M17); “*Eu acho que é instintivo mesmo, não sei se é muito manha mesmo, como o povo fala, não*” (P5).

Metade das mães (10) participantes e dois pais afirmaram que os fatores ambientais, tais como estímulos, características dos relacionamentos dos pais entre si e com o bebê e rotina, são os responsáveis em determinar as características mencionadas sobre seus filhos:

*Eu acho que é de estimular, que é desde de bebezinha sempre tá conversando com ela, estimulando. Eu tento sempre tá estimulando, não tô com ela assim, fico só no braço pra cima e pra baixo, só pra, sei lá, ela não tá chorando, não, eu tento sempre tá interagindo com ela (M2).*

Duas mães e quatro pais atribuíram o desenvolvimento das características infantis a aspectos interacionistas que consideram tanto fatores ambientais quanto fatores biológicos.

A quinta categoria temática refere-se aos aspectos que os pais consideram importantes para promover o desenvolvimento infantil. A maioria, em ambos os grupos, respondeu que os estímulos são essenciais, isso parece contradizer as respostas de metade dos pais na categoria anterior. Se os estímulos são os fatores mais importantes à promoção do desenvolvimento entende-se que eles consideram que a aquisição das novas habilidades infantis está relacionada também aos fatores ambientais. Nesse sentido, depreende-se que muitos dos participantes, embora não tenham verbalizado claramente, têm uma visão interacionista do desenvolvimento ao destacar aspectos que são biológicos, mas ao mesmo tempo enfatizando a importância da estimulação.

Entre os vinte casais participantes, 19 mães e 18 pais consideraram diversos elementos como sendo estímulos possíveis, tais como a presença dos pais, brincadeiras variadas, expressões de carinho e amor, conversas, cuidados, ensinamentos. Isso foi ilustrado em vários recortes de fala, como:

*Estimular, incentivar. Eu tento estimular ela a pegar, mesmo ela não conseguindo, né, sempre estimulando... Eu converso muito com ela, é tanto que ela fica querendo falar, né, bocejando, querendo falar alguma coisa, né. Converso muito com ela, converso com os bonequinhos, dizendo a cor dos bonequinhos, dizendo que é um bonequinho (M2).*

*De certa forma estimula, a gente conversar com ele. Eu considero importante carinho, carinho... Mas, eu acho assim, que quanto mais a gente dá carinho, amor, eu vejo pelo meu outro filho que é maior, mas ele se desenvolve... dar atenção pra ele estimula a inteligência, né. Ficam bem espertinhos (P20).*

Sobre esse tema, todas as participantes do estudo de Souza et al. (2014), que eram mães de bebês até 3 meses, enfatizaram os estímulos e cuidados maternos como principais promotores do desenvolvimento infantil. Metade das mães tinha a crença que o bom desenvolvimento da criança está diretamente ligado ao carinho que elas oferecem ao bebê. Outras mães perceberam que o modo como cuidam (alimentar, dar banho, etc.) do bebê ou como o educam é o que estimula o desenvolvimento do mesmo. Verificou-se, a partir das falas dos participantes do presente estudo, tanto as mães como os pais, que os mesmos se percebem como agentes promotores do desenvolvimento infantil.

Os resultados encontrados também apontam que, em geral, os pais, e especialmente as mães, percebem e destacam os aspectos característicos da fase de desenvolvimento na qual seus bebês se

encontram. Esses dados remetem à ideia de responsividade, segundo a qual os pais, ao interpretarem adequadamente os comportamentos infantis, respondem de modo efetivo e sensível às demandas e aos comportamentos do bebê. De acordo com Alvarenga, Machado e Lins (2014), a responsividade pode ser considerada como uma variável preditora de futuras práticas de socialização parental e facilitadora da aquisição de novas habilidades e autonomia infantis.

### **Considerações finais**

O objetivo do presente estudo foi analisar as concepções parentais sobre o desenvolvimento dos bebês aos 3 meses de idade e verificar quais os aspectos que pais e mães consideram importantes para promover o desenvolvimento nessa fase. Os resultados mostraram que mães e pais percebem os bebês aos 3 meses como passando de um estado de passividade para maior atividade, tanto em termos motores quanto nos aspectos sociocomunicativos e cognitivos. No que concerne às novas aquisições motoras e cognitivas, destaca-se a relação do bebê com o meio, marcada por comportamentos de observação, manipulação e exploração dos objetos presentes no ambiente.

Na dimensão sociocomunicativa, a emissão de sons e o sorriso foram destacados nos relatos parentais. Esses comportamentos infantis parecem facilitar a interação entre os cuidadores e o bebê tendo em vista que mães e pais consideram as expressões de seus filhos como ações positivas que favorecem a comunicação. Nesse sentido, os aspectos sociocomunicativos foram frequentes quando mães e pais descreveram os comportamentos dos seus filhos que, atualmente, mais chamam atenção positivamente. Entre as principais dificuldades encontradas, mães e pais mencionaram a dificuldade em lidar com o choro de bebê e em fazê-lo dormir. Sobre os aspectos promotores do desenvolvimento infantil, a maioria dos participantes destacou os estímulos, apresentando concepções que reconhecem os próprios pais como tendo um papel essencial na promoção do desenvolvimento saudável dos seus filhos.

Considera-se que a presente pesquisa contribui com a área de estudo sobre o desenvolvimento inicial por identificar como pais e mães concebem o desenvolvimento infantil e mostrar elementos que podem contribuir para a elaboração de ações de orientação parental. Sobre as limitações, considera-se que os resultados não podem ser generalizados, dado o número de participantes e as peculiaridades do contexto específico. Além disso, o fato dos participantes serem casais voluntários e, portanto, dispostos a falarem sobre suas experiências e concepções, traz a visão de pais que dão importância à parentalidade e à sua participação no desenvolvimento infantil. Esses dados podem refletir apenas as ideias de um determinado grupo de pais, marcados por características sociodemográficas semelhantes, tais como níveis socioeconômico e educacional.

Sugere-se que futuros estudos sejam realizados de modo longitudinal a fim de analisar como as concepções se caracterizam ao longo do desenvolvimento da criança, influenciadas pelas novas aquisições infantis. Bem como, que sejam realizadas pesquisas em outros contextos, incluindo pais de diferentes níveis socioeconômicos e de comunidades urbanas e não urbanas.

### **Referências**

- Alvarenga, P., Malhado, S. C. B., & Lins, T. C. S. (2014). O impacto da responsividade materna aos oito meses da criança sobre as práticas de socialização maternas aos 18 meses. *Estudos de Psicologia*, 19(4), 305-314.
- Andrade, T. F., Silva, F. L., Santos, R. C., Coelho, R. S., Souza, A. G., Barreto, I. O., Marinho, J. R. L., Assis, M. C., Nunes, L. L., & Braz Aquino, F. S. (2014). Levantamento das concepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês. *Psicologia Argumento*, 32(76), 104-115.
- Bardin, L. (2002). Análise de conteúdo. Trad. L. Antero Neto e A. Pinheiro. São Paulo: Livraria Martins Fontes. (Original publicado em 1977).
- Barrantes, M. & Blanco, L. J. (2004). Estudo das recordações, expectativas e concepções dos professores em formação sobre ensino-aprendizagem da Geometria. *Educação Matemática em Revista*, 17, 29-39.
- Bornstein, M. C., Cote, L.R, Haynes, O. M., Hahn, C-S, & Park, Y. (2010). ParentingKnowledge: ExperientialandSociodemographicFactors inEuropean American Mothers of Young Children. *DevelopmentalPsychology*, 46(6), 1677-1693.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações Conjugais e Parentais: Uma

- Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.
- Brazelton, T. B. (1994). Momentos decisivos do desenvolvimento infantil. São Paulo: Martins Fontes.
- Bueno, R. K. & Vieira, M. L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, 32(76), 151-159.
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 247-259. Maringá.
- Coltart, C. & Henwood, K. (2012). On paternal subjectivity: a qualitative longitudinal and psychosocial case analysis of men's classed positions and transitions of first-time fatherhood. *Qualitative Research*, 12(1), 35-52.
- Dessen, M. A. & Oliveira, M. R. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai "real" e "ideal" na perspectiva materna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 184-192.
- Florentino, F. B. (2009). Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês no primeiro ano de vida: um estudo longitudinal. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lopes, R. C. S., Vivian, A. G., Oliveira, D. S., Silva, C., Piccinini, C. A., & Tudge, J. (2009). "Quando eles crescem, eles voam": percepções e sentimentos maternos frente ao desenvolvimento infantil aos 18 - 20 meses. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 221-232.
- Lopes, R. C. S., Vivian, A. G., Oliveira, D. S., Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2012). Desafios para a maternidade decorrentes da gestação e do nascimento do segundo filho. In C. A. Piccinini, & P. Alvarenga (Orgs.), *Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos* (pp. 301-325). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Malhado, S. C. B. & Alvarenga, P. (2012). Relações entre o temperamento infantil aos oito meses e as práticas educativas maternas aos 18 meses de vida da criança. *Estudos de psicologia*, 29, 789-797.
- Melchiori, L. E., Biasoli Alves, Z. M. M., Souza, D. C., & Bugiani, M. A. P. (2007). Família e creche: crenças a respeito de temperamento e desempenho de bebês. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 245-252.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2009). Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. *Estudos em psicologia*, 9(2), 307-327.
- Mendes, D. M. L. F. & Seidl de Moura, M. L. (2013). O envelope narrativo e o desenvolvimento do self: um estudo longitudinal com mães e bebês nos seis primeiros meses de vida. *Interação Psicologia*, 17(1), 37-46.
- Meteyer, K. & Perry-Jenkins, M. (2010). Father involvement among working-class, dual-earner couples. *Fathering*, 3(8), 379-403.
- Miguel, I., Valetim, J. P., & Carugati, F. (2009). Parental ideas and their role in childrearing: the idea-behavior connection. *Italian Journal of Sociology of Education*, 3, 225-253.
- Monteiro, A. P. H. & Manzini, E. J. (2008). Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 14(1), 35-52.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314.
- Ribas Jr. R. C., Seidl-de-Moura, M. L., & Bornstein, M. H. (2007). Cognições maternas acerca da maternidade e do desenvolvimento humano: uma contribuição ao estudo da psicologia parental. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(1), 104-113.
- Rossi, P. S. & Batista, N. A. (2006). O ensino da comunicação na graduação em Medicina - Medicina - uma abordagem. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 10(19), 93-102.
- Seabra, K. C. & Seidl de Moura, M. L. (2011). Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. *Interação Psicologia*, 15(2), 135-147.
- Seidl de Moura, M. L., Mendes, D. M. L. F., Vieira, M. L., Kobarg, A. L., Pessôa, L. F., & Bandeira, T. T. A. (2013). Brazilian Mothers' Description of their Children: Dimensions of Autonomy and Relatedness. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(3), 249-255.
- Silva, M. R. & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de psicologia*, 24(4), 561-573.
- Souza, C. G., Machado, G. M. A., Nunes, L. L., & Braz Aquino, F. S. (2014). Crenças maternas sobre o desenvolvimento sociocomunicativo de bebês. *Temas em Psicologia*, 22(2), 483-495.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.

Recebido em 15/09/2015  
Aceito em 29/04/2016

Laísy de Lima Nunes: Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba.

Nadia Maria Ribeiro Salomão: Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).